

A concorrência das exportações chinesas e brasileiras em terceiros mercados.

A estrutura produtiva chinesa está contribuindo para maior eficiência do País na ampliação do *market-share* em mercados externos, aumentando a sua competição com o Brasil.

Nas últimas duas décadas, a progressiva transição da China em direção a uma economia de mercado foi acompanhada por um processo de crescimento econômico excepcional, caracterizado pelo aprofundamento da integração brasileira aos fluxos internacionais de comércio e de capitais.

A abertura comercial chinesa, por um lado, criou oportunidades comerciais associadas a um mercado potencial de 1,3 bilhões de consumidores. Isto fez com que as importações daquele país crescessem a um ritmo de 15% ao ano. Por outro lado, gerou ameaças aos produtores em seus mercados domésticos e, para determinados setores exportadores, implicou o acirramento da competição externa.

No que se refere especificamente a esses dois últimos pontos, alguns analistas têm sugerido que o desempenho comercial chinês poderá comprometer algumas economias em desenvolvimento, entre as quais a brasileira.

Este argumento é sustentado pelo fato de o **poder competitivo da China fundamentar-se em vários fatores, entre os quais cabe destacar a oferta abundante de mão-de-obra, a crescente elevação da produtividade industrial e o grau e a natureza da intervenção estatal na economia.**

A oferta abundante de mão-de-obra permitiria à China praticar salários equivalentes, em média, a um terço dos praticados no Brasil, circunstância esta que tenderia a persistir por muito tempo, uma vez que o gigante asiático concentra cerca de metade de sua força de trabalho na agricultura.

Às vantagens associadas ao menor custo da mão-de-obra somar-se-iam os benefícios

resultantes de políticas de Estado que englobam, entre outros elementos, o manejo do câmbio, subsídios nas concessões de crédito e na pesquisa e a oferta de incentivos redutores de custos e riscos associados à inovação.

Especificamente, quando se delimita os impactos da penetração de produtos chineses sobre as exportações brasileiras aos Estados Unidos, União Européia, Argentina, Japão e Ásia-Pacífico, observou-se que o Brasil perdeu competitividade em todos os mercados analisados, à exceção da Argentina.

Neste último país, a vantagem modesta foi obtida numa conjuntura de redução absoluta das importações platinas, dada a crise que se abateu sobre o nosso vizinho no período de referência. Cabe enfatizar, ainda, que tais ganhos estiveram muito concentrados em calçados, setor em que a Argentina constitui um mercado tradicional para fornecedores brasileiros, cuja competitividade é, em grande parte, derivada de sua localização.

Nos demais mercados analisados, as perdas brasileiras para a China mostraram-se mais relevantes em relação aos Estados Unidos. Seguem-se Japão e os países da Ásia-Pacífico. Já no tocante à União Européia, as perdas para a China foram as menores dentre as encontradas para todos os mercados analisados.

Os resultados obtidos mostram ainda que a competição Brasil-China apresenta reduzida importância na esfera de produtos básicos. A competição mais acirrada verifica-se no comércio de produtos manufaturados e semi-manufaturados, que é particularmente intensa nos mercados dos EUA, da União Européia e da Argentina. No Japão e nos países da Ásia-Pacífico, diferentemente, a briga mais acirrada está centrada em produtos semi-manufaturados.